Suzy e as águas-vivas

ALI BENJAMIN

Eleito um dos melhores livros do ano pelo
NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

VERUS
EDITORA

Material com direitos autorais

Editora Executiva
Raïssa Castro

Coordenação editorial
Ana Paula Gomes

Copidesque
Maria Lúcia A. Maier

Revisão
Cleide Salme

Capa
Marcie Lawrence (© Hachette Book Group, Inc., 2015)

Ilustração da capa
© Terry Fan e Eric Fan, 2015

Projeto gráfico e diagramação
André S. Tavares da Silva

Título original
The thing about jellyfish

ISBN: 978-85-7686-570-4

Copyright © Ali Benjamin, 2015
Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2016
Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.
Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II,
Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B416s

Benjamin, Ali
Suzy e as águas-vivas [recurso eletrônico] / Ali Benjamin; tradução Cecília Camargo Bartalotti. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2016.
recurso digital

Tradução de: The thing about jellyfish

Material com direitos autorais

Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-7686-570-4 (recurso eletrônico)

1. Literatura infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Bartalotti, Cecília Camargo. II. Título.

16-36628 CDD: 028.5
CDU: 087.5

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

Material com direitos autorais

Para as crianças curiosas do mundo inteiro

Material com direitos autorais

Sumário

Coração fantasma

Parte um | Objetivo

Toque

Às vezes as coisas simplesmente acontecem

Invisível

Como fazer uma amiga

Cento e cinquenta milhões de picadas

Parte dois | Hipótese

Melhor suposição

Parte três | Referencial

O começo da vida

Como ter uma amiga

Consultório

Palavras bobas

Especialista n° 1

Grão de poeira

Como fazer uma promessa

Especialistas n° 2 e n° 3

Material com direitos autorais

Como não dizer algo importante
Coragem de doido

Parte quatro | Variáveis
Bloom
Como se afastar
Um clique, depois silêncio
Como deixar tudo errado
Cara a cara
Milhões de coisas para aprender
Como saber que as coisas mudaram
Formigas-zumbis
Como perder uma amiga
No controle
Como não esquecer

Parte cinco | Procedimento
Mais fortes do que nós
Imaginem uma criatura
Como enviar uma mensagem
Terrivelmente errada
Mais errada ainda
Veneno
Olhe para mim
Polinização
O pior tipo de silêncio
Silêncio de dois dias
E depois mais silêncio

Material com direitos autorais

Eu não quero falar sobre isso
As coisas estão mais perto do que parecem
Bridget Brown
Data-limite
Calma instantânea
Como planejar uma fuga
Sobras de dinheiro
Adeus, Thor
Como dizer adeus
Adeus, Ming Palace
Terça-feira, três da tarde
Quarta-feira
Adeus, casa
Telefonema
O fim

Parte seis | Resultados
Imortalidade
Rumo à Austrália
Sente-se
Ela conseguiu

Parte sete | Conclusão
E se?
A única coisa que faz sentido
Como qualquer outra criança
O que fica
Heróis e vilões

Material com direitos autorais

Nota da autora

Agradecimentos

Material com direitos autorais

Coração fantasma

Uma água-viva, se você olhar para ela por tempo suficiente, parece um coração batendo. Não importa de que tipo ela seja: se a vermelhíssima *Atolla*, com suas luzes piscantes como as de uma viatura da polícia, se daquela variedade que parece um chapéu de flores cheio de babados, ou se a quase transparente medusa-da-lua, *Aurelia aurita*. É a pulsação delas, o jeito como se contraem rapidamente e relaxam em seguida. Como se fosse um coração fantasma, um coração através do qual se pode enxergar outro mundo, onde tudo o que a gente perdeu na vida foi se esconder.

Águas-vivas nem têm coração, claro. Nem coração, nem cérebro, nem osso, nem sangue. Mas olhe para elas por um tempo, e você vai ver como elas pulsam.

A sra. Turton diz que, se a gente viver até os oitenta anos, nosso coração baterá três bilhões de vezes. Fiquei pensando nisso, tentando imaginar um número tão grande assim. Três *bilhões*. Se contarmos três bilhões de horas para trás, os humanos modernos ainda nem existiriam. Só existiriam homens das cavernas, peludos,

Material com direitos autorais

de olhos ferozes, soltando grunhidos. Três bilhões de anos atrás, e a própria vida mal teria começado a existir. Mas aí está seu coração, fazendo o trabalho dele o tempo todo, uma batida atrás da outra, até chegar a esses três bilhões.

Mas só se a gente viver todo esse tempo.

Ele está batendo enquanto você dorme, enquanto assiste à TV, enquanto está de pé na praia com os dedos dos pés enfiados na areia. Talvez, enquanto está ali parada, você esteja olhando para as cintilações de luz branca no oceano escuro e pensando se vale a pena molhar o cabelo outra vez. Talvez você note que as alças de seu maiô estão um pouco apertadas em seus ombros queimados, ou que o sol brilha demais em seus olhos.

Você estreita os olhos um pouco. Você está tão viva quanto qualquer outra pessoa neste momento.

Enquanto isso, as ondas continuam indo e vindo sobre os dedos dos seus pés, uma após a outra (quase como um batimento cardíaco, quer você note ou não), e a alça está apertando, e talvez o que você note, mais que o sol ou as alças, é como a água está fria, ou como as ondas criam espaços vazios na areia molhada sob seus pés. Sua mãe está em algum lugar mais ao lado; ela está tirando uma foto e você sabe que deveria virar para ela e sorrir.

Mas você não faz isso. Você não vira, não sorri, só continua olhando para o mar, e nenhuma de vocês sabe o

Material com direitos autorais

que importa naquele momento, ou o que está prestes a acontecer (como poderiam?).

E, durante todo o tempo, seu coração só continua batendo. Ele faz o que precisa fazer, uma batida após a outra, até receber a mensagem de que é hora de parar, o que poderia acontecer daqui a poucos minutos sem que você sequer tenha ideia disso.

Porque alguns corações batem apenas uns 412 milhões de vezes.

O que pode parecer muito. Mas a verdade é que isso mal chega a doze anos.

Material com direitos autorais

PARTE UM

Objetivo

Não importa se você está escrevendo um relatório de ciências para a escola ou um artigo científico. Comece com uma introdução que estabeleça o objetivo para todas as informações que virão a seguir. O que esperamos descobrir com essa pesquisa? Como ela se relaciona com interesses humanos?

— Sra. Turton, professora de ciências do sétimo ano, Escola de Ensino Fundamental II Eugene Field Memorial, South Grove, Massachusetts

Material com direitos autorais

Toque

Durante as três primeiras semanas do sétimo ano, aprendi principalmente uma coisa: uma pessoa pode se tornar invisível simplesmente ficando em silêncio.

Eu sempre achei que ser vista estava relacionado ao que as pessoas percebiam com os olhos. Mas, quando chegou o dia do passeio de outono da Escola de Ensino Fundamental II Eugene Field Memorial ao aquário, eu, Suzy Swanson, tinha desaparecido completamente. Parece que ser vista tem mais relação com os ouvidos do que com os olhos.

Estávamos na sala dos tanques, ouvindo um funcionário barbudo do aquário falar em um microfone.

— Fiquem com a mão estendida na superfície da água — disse ele. Segundo sua explicação, se colocássemos a mão no tanque e a mantivéssemos totalmente imóvel, pequenos tubarões e arraias roçariam nossa palma como gatinhos domésticos. — Eles virão até vocês, mas precisam manter a mão estendida e imóvel.

Eu gostaria de sentir um tubarão roçar meus dedos. Mas havia muita gente em volta do tanque e muito

Material com direitos autorais

barulho. Fiquei no fundo da sala. Só observando.

Tínhamos tingido camisetas na aula de artes, em preparação para esse estudo do meio. Manchamos as mãos de laranja e azul neon e agora usávamos as camisetas como um uniforme psicodélico. Acho que a ideia era ficarmos fáceis de avistar, caso alguém se perdesse. Algumas das meninas bonitas, como Aubrey LaValley, Molly Sampson e Jenna Van Hoose, tinham amarrado a camiseta com um nó na cintura. Eu usava a minha solta sobre os jeans, como um velho avental de pintura.

Fazia exatamente um mês que a Pior Coisa tinha acontecido, e quase esse mesmo tempo que eu tinha começado a adotar o *não-falar*. O que não é recusar-se a falar, como todo mundo acha que é. É só decidir não encher o mundo de palavras se não for necessário. É o oposto da *fala-contínua*, que é o que eu costumava fazer, e é melhor do que o *falar-à-toa*, que é o que as pessoas queriam que eu fizesse.

Se eu usasse o falar-à-toa, talvez meus pais não insistissem que eu fosse *ao tipo de médico com quem você pode conversar*, que era aonde eu ia esta tarde, depois do estudo do meio. Sinceramente, o raciocínio deles não fazia sentido. Quer dizer, se uma pessoa não está falando, se a ideia toda é não falar, então acho que *o tipo de médico com quem você pode conversar* é o último lugar aonde essa pessoa deveria ir.

Material com direitos autorais

Além disso, eu sabia o que significava *o tipo de médico com quem você pode conversar*. Isso queria dizer que meus pais achavam que eu tinha problemas na cabeça, e não era o tipo de problema que tornava difícil entender matemática ou aprender a ler. Significava que eles achavam que eu tinha problemas mentais, o tipo que Franny teria chamado de *paf paf,* uma redução de "parafuso solto", que significa "quebrado e com defeito".

Significava que eu estava com defeito.

— Fiquem com as mãos estendidas — dizia o funcionário do aquário para ninguém em particular, o que não fazia diferença, porque ninguém o estava ouvindo mesmo. — Esses animais podem sentir até os batimentos cardíacos na sala. Vocês não precisam mexer os dedos.

Justin Maloney, que é um menino que ainda move os lábios quando lê, ficava tentando pegar a cauda das arraias. A calça dele era tão larga que, toda vez que ele se inclinava sobre a água, eu via um bom pedaço da sua cueca. Notei que sua camiseta estava do avesso. Outra arraia passou, e Justin enfiou a mão no tanque com tanta rapidez que espirrou um monte de água em cima de Sarah Johnston, a menina nova, que estava de pé ao lado dele. Sarah enxugou a água salgada da testa e se afastou alguns passos de Justin.

Sarah é muito quieta, e eu gosto disso, e ela sorriu para mim no primeiro dia de aula. Mas então Molly se

Material com direitos autorais

aproximou e começou a falar com ela, depois eu a vi conversando com Aubrey nos armários, e agora a camiseta de Sarah estava amarrada com um nó na cintura, como a delas.

Afastei o cabelo dos olhos e tentei prendê-lo atrás da orelha. *Miss Frizz, o cabelo indomável*. Mas ele caiu imediatamente sobre meus olhos outra vez.

Dylan Parker se enfiou atrás de Aubrey. Ele agarrou os ombros dela e os sacudiu.

— Tubarão! — gritou.

Os meninos ao lado dele riram. Aubrey soltou um berro agudo, assim como as meninas à sua volta, mas todas estavam dando risadinhas, do jeito que meninas às vezes fazem quando estão perto de meninos.

E, claro, isso me fez pensar em Franny. Porque, se ela estivesse ali, estaria rindo também.

Senti então aquele suor frio, o mesmo que sempre sentia quando pensava em Franny.

Fechei os olhos com força. Por alguns segundos, o escuro foi um alívio. Mas, de repente, uma imagem surgiu na minha cabeça, e não era boa. Imaginei o tanque se quebrando, as arraias e os pequenos tubarões se espalhando pelo chão. E isso me fez pensar em quanto tempo os animais poderiam resistir antes de se afogarem com o ar.

Tudo ficaria frio, estridente e luminoso para eles. E, então, eles parariam de respirar para sempre.

Material com direitos autorais

Abri os olhos.

Às vezes a gente quer com tanta força que as coisas mudem que não suporta nem sequer estar na mesma sala com as coisas do jeito que realmente são.

Em um canto do outro lado, uma seta apontava para uma escada, indicando outra exposição, "ÁGUAS-VIVAS", no andar de baixo. Fui até a escada e olhei para trás, para ver se alguém tinha notado. Dylan espirrou água em Aubrey, que deu um gritinho outra vez. Um dos monitores caminhou em direção a eles, já dando bronca.

Mesmo com minha camiseta tingida de neon, mesmo com meu cabelo de Miss Frizz, ninguém parecia me ver.

Desci as escadas, para a exposição das águas-vivas.

Ninguém notou. Ninguém mesmo.

Material com direitos autorais

Às vezes as coisas simplesmente acontecem

Você estava morta fazia dois dias inteiros antes que eu ao menos soubesse.

Era de tarde, fim de agosto, fim do longo e solitário verão depois do sexto ano. Minha mãe me chamou para entrar em casa e eu soube que algo estava errado, muito errado mesmo, só de olhar para ela. Fiquei apavorada, imaginando que talvez tivesse acontecido alguma coisa com meu pai. Mas, desde o divórcio, será que minha mãe se importava se ele se machucasse? Então pensei que talvez fosse com meu irmão.

— Zu — mamãe começou. Ouvi o zumbido da geladeira, o poing-poing *do chuveiro pingando, o tique-taque do velho relógio sobre a lareira, que sempre marca a hora errada, a não ser que eu me lembre de dar corda nele.*

Longas réstias de sol entravam pelas janelas, como espíritos através das paredes. Elas se deitavam no tapete e

Material com direitos autorais

ali ficavam, imóveis.

Mamãe falou com a voz firme. Suas palavras saíram na velocidade normal, mas tudo pareceu desacelerar, como se o próprio tempo ficasse pesado. Ou talvez como se, de repente, ele tivesse parado de existir.

— Franny Jackson se afogou.

Quatro palavras. Provavelmente demoraram apenas uns dois segundos para sair, mas pareceram durar meia hora.

Meu primeiro pensamento foi: Que estranho. Por que ela está falando o sobrenome da Franny? *Eu não me lembrava de já ter ouvido mamãe usar seu sobrenome. Você sempre foi só Franny para ela.*

E, então, eu entendi o que ela tinha dito depois do seu nome.

Se afogou.

Ela disse que você tinha se afogado.

— Foi em uma viagem de férias — mamãe continuou. Notei como ela estava sentada imóvel, com os ombros muito rígidos. — Férias na praia.

Então ela acrescentou, como se isso pudesse, de alguma forma, ajudar a dar algum sentido para o que ela havia dito:

— Em Maryland.

Mas claro que suas palavras não faziam nenhum sentido.

Material com direitos autorais

Havia um milhão de razões para isso. Elas não faziam sentido porque não fazia tanto tempo que eu tinha visto você, e você estava tão viva quanto todo mundo. As palavras dela não faziam sentido porque você sempre nadou muito bem, melhor do que eu, desde o instante em que nos conhecemos.

Não fazia sentido porque o jeito como as coisas terminaram entre nós não era como deveriam terminar. Não era do jeito como nada deveria terminar.

No entanto, ali estava minha mãe, bem na minha frente, dizendo essas palavras. E, se as palavras dela fossem verdade, se ela estivesse certa sobre aquilo que estava me dizendo, isso significava que a última vez que eu tinha visto você, andando pelo corredor no último dia do sexto ano, carregando aquelas sacolas de roupas molhadas e chorando, seria a última para sempre.

Olhei séria para minha mãe.

— Não é verdade.

Não era. Não podia ser. Eu tinha certeza disso.

Mamãe abriu a boca para dizer algo e a fechou de novo.

— Ela não se afogou — insisti, mais alto dessa vez.

— Foi terça-feira — mamãe falou. Sua voz estava mais baixa do que antes, como se a minha voz mais alta tivesse sugado a energia de sua própria respiração. — Aconteceu na terça-feira. Eu só soube agora.

Agora era quinta-feira.

Material com direitos autorais

Dois dias inteiros já tinham se passado.

Sempre que penso nesses dois dias, nesse espaço entre o dia em que você se foi para sempre e o dia em que eu fiquei sabendo, penso nas estrelas. Você sabia que a luz da estrela mais próxima de nós leva quatro anos para nos alcançar? O que significa que, quando a vemos, quando vemos qualquer estrela, na verdade estamos vendo como ela era no passado. Todas aquelas luzes cintilantes, cada estrela no céu, pode já ter se apagado anos atrás. Todo o céu noturno poderia estar vazio neste exato instante e nós nem saberíamos.

— Ela sabia nadar — falei. — Ela nadava muito bem, lembra?

Quando mamãe não disse nada, eu tentei de novo.

— Lembra, mãe?

Ela só fechou os olhos e apoiou a testa na palma das mãos.

— É impossível — insisti. Por que ela não percebia que era impossível?

Quando mamãe levantou os olhos, falou devagar, para que eu ouvisse cada palavra.

— Até bons nadadores podem se afogar, Zu.

— Mas não faz sentido. Como ela poderia...?

— Nem tudo faz sentido, Zu. Às vezes as coisas simplesmente acontecem. — Ela sacudiu a cabeça e respirou fundo. — Parece mentira. Eu também não consigo acreditar...

Material com direitos autorais

Então ela fechou os olhos por longos segundos. Quando os abriu de novo, seu rosto se contorceu de um jeito horrível. Lágrimas começaram a correr por suas bochechas.

— Sinto muito — disse ela. — Sinto muito, muito mesmo.

Ela estava grotesca com o rosto todo franzido daquele jeito. Eu odiei a cara que ela estava fazendo. Desviei os olhos, com aquelas palavras sem sentido ainda revirando em minha cabeça.

Você se afogou.

Nadando em Maryland.

Dois dias atrás.

Não, nada daquilo fazia sentido. Não naquela hora, nem mais tarde naquela noite, quando a Terra se inclinou na direção das estrelas. Nem na manhã seguinte, quando ela girou de volta para a luz do sol.

Não fazia sentido que o mundo pudesse *rolar de volta para a luz do sol.*

Todo esse tempo, eu tinha achado que a nossa história fosse isto: a nossa *história. Mas acontece que você tinha sua própria história, e eu tinha a minha. Nossas histórias podem ter se cruzado por alguns anos, o suficiente para que até parecessem ser a mesma história. Mas eram diferentes.*

E isso me fez perceber o seguinte: a história de cada pessoa é diferente, o tempo todo. Ninguém está com

Material com direitos autorais

ninguém de verdade, mesmo que às vezes pareça estar.

Houve um tempo em que minha mãe sabia o que tinha acontecido com você, em que o peso disso já a havia atingido, enquanto eu estava simplesmente correndo pela grama, como se fosse um dia qualquer. E houve um tempo em que alguma outra pessoa sabia, e minha mãe não. E um tempo em que a sua mãe sabia, e quase mais ninguém no planeta.

E isso significa que houve um tempo em que você tinha ido embora e ninguém na Terra fazia a menor ideia. Só você, sozinha, desaparecendo na água, e ninguém sequer imaginando ainda.

E esse é um pensamento incrivelmente solitário.

"Às vezes as coisas simplesmente acontecem", minha mãe havia dito. Foi uma resposta terrível, a pior possível.

A sra. Turton diz que, quando acontece algo que ninguém consegue explicar, significa que chegamos aos limites do conhecimento humano. E é aí que a ciência é necessária. A ciência é o processo de encontrar explicações que ninguém mais pode lhe dar.

Aposto que você nunca nem se encontrou com a sra. Turton.

Às vezes as coisas simplesmente acontecem *não é uma explicação. Não é nem remotamente científico. Mas, por semanas a fio, isso foi tudo que eu tinha.*

Até que me vi naquela sala no piso inferior do aquário, olhando para as águas-vivas do outro lado do vidro.

Material com direitos autorais

Invisível

A exposição de águas-vivas, no piso de baixo daquele onde o resto da minha turma do sétimo ano jogava água uns nos outros, estava quase vazia. Era quieto ali embaixo, o que era um alívio.

A sala estava cheia de tanques de águas-vivas. Vi águas-vivas cujos tentáculos eram mais finos do que fios de cabelo; o aquário devia ter luzes projetadas no tanque, porque os animais ficavam mudando de cor. Ao lado, em outro tanque, vi águas-vivas com tentáculos que redemoinhavam como os fios de cabelo de uma menina fariam se ela flutuasse sob a água. Em um terceiro tanque, os tentáculos das águas-vivas eram tão espessos e retos que parecia que os animais haviam criado sua própria prisão. Havia até um tanque cheio de bebês águas-vivas recém-nascidos; pareciam flores brancas, minúsculas e delicadas.

Essas estranhas criaturas, todas elas, pareciam quase alienígenas. Alienígenas graciosos. Silenciosos. Como bailarinas alienígenas que dançavam sem necessidade de música.

Material com direitos autorais